

Síndromes

Pluralidade do Mundo & Psicopatologia Quotidiana

Paulo Ferreira da Cunha¹

Resumo: Ao mesmo tempo que vivemos numa civilização (a ocidental) que foi caminhando para uma ética universal e uma lei jurídica igual para todos, impondo a todos os grupos, em geral, os mesmos direitos e deveres, esquecemo-nos, por vezes, que as nossas sociedades são cada vez mais plurais e pluralistas, e mesmo fragmentadas, desfazendo-se o cimento social que as unia, quantas vezes de forma artificial e autoritária. Reconhecendo a pluralidade do Mundo, procura-se compreender neste artigo como essa pluralidade tem raízes sociais que se repercutem culturalmente e filtram pelas escolhas pessoais daqueles que não abdicam da sua individualidade e ação. Evidenciam-se, assim, algumas síndromes que são sinais de alerta sérios relativamente a uma possível anomia social, tanto mais perigosa quanto vivemos um tempo em que é necessário consolidar os alicerces e as muralhas da cidade: culpa laboral, incoerência e hibridação, diferenciação, desinteresse e alienação.

Palavras Chave: Síndromes sociais, pluralismo, pluralidade do mundo, psicopatologia quotidiana, culpa laboral, incoerência e hibridação, diferenciação, desinteresse e alienação.

Abstract: At the same time that we live in a civilization (the Western one) that has been moving towards universal ethics and an equal legal law for all, imposing on all groups, in general, the same rights and duties, we sometimes forget that our societies are increasingly plural and pluralistic, and even fragmented: the social cement that united them before, often in an artificial and authoritarian way, is breaking down. Recognizing the plurality of the World, this article seeks to understand how this plurality has social roots that have cultural repercussions, and filter through the personal choices of those who do not give up their individuality and action. Thus, some syndromes are highlighted: they are serious warning signs regarding a possible social anomie, more and more dangerous as we live in a time in which it is necessary to consolidate the foundations and walls of the city. These social syndromes are: labor guilt, inconsistency and hybridization, differentiation, disinterest and alienation.

Keywords: Social syndromes, pluralism, plurality of the world, everyday psychopathology, guilt at work, inconsistency and hybridization, differentiation, disinterest and alienation.

“(…) asseverando ser o mundo ilimitado, segundo o nosso ponto de vista, acalma-se o intelecto; da maneira contrária, surgem crescentes dificuldades e inconvenientes.”

Giordano Bruno²

I.O Tonel das Danaídes. Síndrome da Culpa laboral

Herman Melville, no seu notabilíssimo *Billy Budd*, fala da prudência amarga de um velho marinheiro que jamais interferia em nada e jamais dava conselho³. É fácil ser assim prudente, como é fácil ter fama de sábio a quem se refugie no mutismo do Conselheiro Acácio, de Eça de Queirós.

¹ Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça, Portugal. Catedrático da Faculdade de Direito da Universidade do Porto (funções suspensas para dedicação à magistratura).

² BRUNO, Giordano — *De l'Infinito, Universo e Mondi*, 2.ª ed. port., com Introdução de Victor Matos e Sá, trad., notas e bibliografia de Aura Montenegro, *Acerca do Infinito, do Universo e dos Mundos*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1978, p. 7.

³ MELVILLE, Herman — *Billy Budd*, cap. XV.

A verdade é que não parece curial refugiar-se quem estuda numa torre de marfim, qual serpente que morde a própria cauda. O próprio exemplo de Billy Budd é um incentivo a que se comuniquem coisas, se opine, se dê testemunho. No final do capítulo I desta novela, diz-se que uma determinada atitude do jovem marinheiro teria sido um terrível atentado contra o que o autor chama o “decoro naval”. Porém, acrescenta o autor que jamais o marujo havia sido instruído nesse decoro.

Embora os juristas insistam frequentemente que a ignorância da norma a ninguém pode aproveitar (*ignorantia legis non excusat*), o certo é que a ignorância em geral de certas coisas que estão, afinal, a montante da própria lei, pode ser fatal. Billy Bud será condenado, por crime e de acordo com lei jurídica. Mas decerto que há coisas anteriores aos seus atos que deveria ter sabido, e que lhe deveriam ter sido ditas.

É nesse sentido, de não deixar à livre mão invisível do mercado das ideias certas preocupações, que acabamos por entrar em diálogo surdo com quem pode deplorar as consequências anômicas da sociedade em que vivemos, mas não contribui para a discussão séria e construtiva das suas raízes e da sua eventual terapêutica.

Com uma primeira prevenção, óbvia, mas necessária num tempo de tresleiturias, de que não se trata de um estudo que aspire às áreas da psicologia e afins (pese a parcial intertextualidade com conhecido título de Freud), mas de um mero ensaio generalista e humanista, comecemos por um caso concreto hipotético.

Uma pessoa que tenha uma profissão muito sobrecarregada de que fazeres, obrigações e responsabilidades, muito preenchida e absorvente do escasso tempo (o tempo parece só não ser escasso para os ociosos, que se dão ao luxo de o esbanjar, e ainda bocejarem e se entediarem...), sobre quem impendam prazos imperativos a cumprir, e para mais que se sinta na obrigação (moral e intelectual) de ainda se cultivar, não só na especificidade do seu especializado *métier*, como no abrir-lhe horizontes, pontes, contextos, enquadramentos (porque saber só o que quer que seja, restritivamente, não permite sequer isso apenas saber – recorde-se o dito de Abel Salazar: “quem só sabe Medicina, nem sequer Medicina sabe”), uma pessoa assim, com estes condicionalismos constrangedores, dificilmente pode deixar de viver sufocada com a *síndrome da culpa laboral*. Talvez pese sobre os adões que todos somos a espada flamejante do arcanjo que, no Éden, nos condenou por ordem de Jeová ao trabalho com o suor do rosto. E parece que essa condenação (trabalho é instrumento de tortura – o *tripalium* romano) nunca chega, nunca é suficiente. E, contudo, contra esse “ardor do trabalho”, já Cícero ripostava que ele deveria ser tranquilo e calmo⁴.

Por *síndrome da culpa laboral* entendemos, singelamente (independentemente de poder haver refinamentos teóricos de disciplinas especializadas) o peso, a má consciência, a permanente angústia provocada pela sensação de se estar permanentemente em falta com as respetivas obrigações laborais. A vítima desta doença profissional (que normalmente já se encontrará em perene esgotamento, em *burnout*) descarrega em si mesma a culpa social de haver ocupações, empregos, cargos, que despersonificam e reificam as pessoas, as funcionalizam, e delas exigem muito mais (e por vezes diferente) do que razoavelmente podem dar. Ora, diz a velha sabedoria latina, que *nemo dat quod non habet*. E não podendo ninguém dar, ou prestar, ou fazer, o que não tem ou não consegue intrinsecamente, as vítimas, que são muitas na nossa sociedade, vivem sufocadas pela sensação permanente, e acabrunhante de não conseguir fazer nunca o que teriam que fazer (e podem até cair na

⁴ CÍCERO — *Tusculanas*, IV, XXV, 55.

síndrome do impostor). Sempre se amesquinham porque não conseguem cumprir os prazos, as metas, as exigências. E autoflagelam-se, e mais se sentem miseráveis.

Esta síndrome decorre de uma situação de facto que também poderia dar nome ao traumatismo continuado. Poder-se-ia também falar em *Síndrome do tonel das Danaídes*. Nunca as Danaídes conseguem encher o seu recipiente sem fundo... Podendo ver-se, portanto, a situação do lado subjetivo (culpa) e do lado objetivo (a impossibilidade fática do cumprimento das funções).

Nestas condições, toda a vida se desertifica para se subordinar às exigências laborais (que podem não ser classicamente “assalariadas”; podem ser todo o tipo de pessoas que exercem atividade profissional – para recordar uma saborosa discussão na Constituinte portuguesa de 1976 a propósito do conceito de “trabalhador”⁵). Cremos que começam atividades importantes (ou mesmo pensamentos e sentimentos) a ser adiados (ainda que inconscientemente), sempre “para depois”, numa nova síndrome associada: a *síndrome da procrastinação*. A qual pode também, por paradoxo, afetar o próprio trabalho que é responsável pelos demais adiamentos. É a *vida adiada*, assim, em todas as suas dimensões. Adia-se para depois, um “depois” que nunca se divisa no horizonte, família (desde logo, casar, ou ter filhos), amizades, afetos, conversas, *hobbies*, e mesmo essas leituras e atividades “complementares”, sobretudo quando a premência das “urgências” ditas sempre “para ontem” é muito forte, esgotante, acabam por ser eliminadas da lista. O balão da carreira, do sucesso, ou simplesmente da sobrevivência só consegue subir ou manter no ar com o alijamento da carga. E vai tanto pela borda fora...

As pessoas, em geral, não se dão conta de que um profissional não pode viver só no horário infundável de uma sociedade absurda de trabalho. Alguns, já nascidos neste tempo, parece só conceberem a alternativa entre emprego de ocupação praticamente total, esgotante e absorvente, e uma das diversas formas “alternativas”, mais ou menos ociosas, ou de operosidade criminosa, com ou sem recurso a drogas e outras adições, subsidi dependência sem qualquer esforço sério de continuidade no emprego, etc.. Pode não ser uma alternativa consciente, mas encontrar-se como pano de fundo. E é um dilema (se se puser) de grande pobreza e estreiteza das possibilidades.

Tendo optado pelo trabalho, quem não ouviu relatos ou mesmo conhece de perto casos de profissionais de todo o tipo com vidas sonâmbulas, em que pessoas, pessoas humanas, mais parecem robots a cumprir tarefas. Alguns são muito competentes, hábeis nas técnicas que conseguiram aprender até a um dado momento. Mas suspeitamos seriamente que, com o progresso científico e técnico imparáveis, a breve trecho a sua *expertise* se terá tornado obsoleta. O que é óbvio: não tiveram disponibilidade para acompanhar o tanto que mudou, mesmo no âmbito acanhado de uma muito estrita especialidade. E ocorre obviamente que, quanto mais especializado um especialista for, mais corre o risco da *décalage* com a aceleração das mudanças. Apesar de tudo mudar, os especialistas em ideias gerais estão muito mais confortáveis. Há muita coisa a mudar na Filosofia, nas Humanidades, etc., mas não se altera tudo de um dia para o outro, há bases sólidas que continuam a ser cabedal seguro. E é esse conjunto de cultura geral e cultura humanística *tout court*, até, que permite fazer uma boa triagem entre novidades para *épater le bourgeois* e novidades que merecem estudo

⁵ Cf. CALDEIRA, Reinaldo / SILVA, Maria do Céu (compilação) — Constituição Política da República Portuguesa 1976. Projectos, votações e posição dos partidos, Lisboa, Bertrand, 1976 e o nosso artigo Ideologia e Direito na Constituição de 76, in “Estudos em Homenagem ao Prof. Doutor Jorge Ribeiro de Faria”, Faculdade de Direito da Universidade do Porto /Coimbra Editora, Março de 2004, in ex no nosso livro Miragens do Direito. O Direito, as Instituições e o Politicamente Correto, Campinas, SP, Millennium, 2003.

e acolhimento. Já nas ciências duras e nas tecnologias, não se deprecia nem deita fora facilmente um adquirido recente que tenha seguido as regras dos métodos seguros, que não seja pseudociência. Em geral, são as novidades de ciência e tecnologia que aposentam as fórmulas antigas. Já, como dizia Michel Villey, na Filosofia, todas as teorias são de todos os tempos.

II. O Mundo em Revista. Pluralidade dos Mundos

Vivemos num mundo muito variado. Tantas pessoas continuam a viver à soleira da porta da vida! Muitos, à parte eventualmente de uma ou outra atividade doméstica ou agrícola, ou de *bricolage* esporádico, desperdiçam o tempo a dormir, de cerveja na mão, nos seus sofás, embalados pela televisão com os seus milhares de canais. Lembra muito a Cidade dos Cães, em que a Humanidade se teria demitido, passando para o onírico⁶. Asimov também parece ter-se aproximado do problema⁷.

Outros, mais sofisticados, vivem noutra tipo de embalo que são as redes sociais: esses que, ao se encontrarem, nada de importante ou significativo têm já para dizer uns aos outros. Escravos inconscientes da função fática da linguagem, andam permanentemente curvados para os seus telemóveis, contactando por vezes apenas por “toques”, para dizer que existem e verificar que os outros estão lá, e lhes respondem... nada. Tudo reduzido à expressão mais simples. E quando há mais texto, como, por exemplo, em *blogs* e afins da *Internet*, e mesmo páginas que teriam mais responsabilidade, um observador mais crítico não pode deixar de se intrigar sobre a monumental perda de tempo com banalidades, nulidades, superficialidades, e intrigas, agora no ciberespaço... Antigamente (é conhecimento proverbial) havia falatório sobre episódios de jornais ou revistas em papel, por exemplo em estabelecimentos especializados que tratavam de cabelos. Hoje essas ágoras alargaram-se...

Depois, há, como já sugerimos, os vários tipos de grupos de viciados em substâncias estupefacientes, dos quase ou “intermitentemente” viciados em álcool, para além dos que decididamente enveredaram por carreiras criminais, a que se juntam os que não levantam um dedo (ou uma palha), nem levantam cabeça na vida, para além dos subsídios, a que se julgam com um intrínseco e inalienável direito natural. Subsídios que obviamente são necessários para quem precisa, e que são mal necessário quando pagam a ociosidade de quem deles poderia prescindir, com trabalho. Mas a questão é complexa e não pode ser vista a ferro e fogo.

Impressiona ver tanta gente antes de mais desmotivada, acabrunhada ou buscando apenas sensações e estímulos fugazes, precisamente porque não tem um rumo para a sua existência, um norte, um objetivo. Tanta gente improdutivo materialmente e também culturalmente, deprimida, niilizada, liofilizada, reduzida à expressão mais simples... nunca a expressão de Pessoa “cadáver adiado que procria” (por vezes nem isso) pareceu tão apropriada. Evidentemente que sempre existiu marginalidade, crime, ociosidade, superficialidade, etc., mas agora tudo isso ressalta em evidência tanto mais que esses excluídos falam, gritam, vociferam, quando e como lhes apetece nas redes sociais. Fazem a glória e a queda de pessoas, ditam os rumos das eleições, as tendências da moda e dos costumes... Claro que em grande medida são influenciados por elites ou semi elites, cujas ideias e anti ideias reproduzem, amplificam, deformam. Mas têm, quando querem, um peso muito grande. Sempre muitos nada farão, limitar-se-ão a balbuciar monossílabos entre amigos, mas outros

⁶ Cf., v.g., SIMAK, Clifford D. — *City*, trad. port., *A Cidade no Tempo*, Lisboa, Europa-América, 1955.

⁷ Cf., v.g., ASIMOV, Isaac — *Foundation and Empire*, 6.^a reimp., New York, Ballantine Books, 1989.

são as grandes hostes do populismo e da demagogia de novo à conquista do poder, e com força crescente, ante o sonambulismo ou distração dos democratas.

Do outro lado, estão os *workaholics*, que podem produzir materialmente, mas que não têm, na esmagadora maioria dos casos, tempo ou espaço para a alma.

O curioso é que a sociedade de consumo, no seu afã de tudo querer vender, e a tudo querer fazer traduzir em preços e números, por vezes acaba por acarretar também efeitos muito positivos, por exemplo, ao disponibilizar portais de comunicação de uns mundos com os outros.

O exemplo já será tido por arcaico, mas insistamos nele. Porque ainda é totalmente verdadeiro, e espera-se que o seja por muito tempo ainda. Assim se tenham uns cinco minutos para ir à papelaria de um centro comercial mais equipado, e aí vemos dezenas e dezenas de revistas que nos fornecem um interessantíssimo arco-íris das múltiplas realidades de mundos (chamemos-lhes por comodidade “sociais”, mas são mais que isso: culturais, mentais, etc.) paralelos. Miguel Esteves Cardoso teve certamente uma inspiração semelhante ao escrever:

“Vá comprar pão, jornais, flores. (...) No jornaleiro, em atenção ao sábado, leve também um jornal ou uma revista que não costuma ler. Ou compre uma publicação para oferecer a quem gosta de ler. Hoje em dia é sempre inesperado e aprazível receber uma revista novinha em folha”⁸.

Mais ou menos encontro-me nessa linha há muitos anos.

E uma revista é como se fosse um portal intercomunicador – por vezes entre “mundos”.

Pessoalmente, é para nós uma enorme fascinação a de ver que há quem se delicie a ler revistas de caça, pesca, veículos motorizados, vela, moda, decoração, artes plásticas, arquitetura, viagens, música nas suas diferentes modalidades e estilos, história, literatura, política e relações internacionais, psicologia, saúde, ciências ocultas, etc., etc., e enuncio de cor...

Comprar uma dessas revistas pode ser quebrar um tabu, penetrar num reino inexplorado e por isso proibido. O que pensar de mim se me atrever a comprar uma revista de uma área com a qual aparentemente nada tenho? Felizmente os shoppings são lugares asséticos e impessoais. Posso adquirir sem cair sob o preconceito uma revista de música clássica (ou de jazz), uma de viagens, outra de divulgação científica, e outra de Banda desenhada (tirinhas). Não há, neste universo, revistas de Direito (que nos tenhamos dado conta). A oferta ao público geral não parece conseguir englobar uma matéria tão indigesta (embora nos últimos tempos o Direito se tenha hibridizado e dialogado muito de forma a que ficou mais palatável, embora, por vezes, o que tenha resultado... já não seja Direito...)

Confessamos que não nos atrai nada vaguear para os lados dos desportos (de todo o tipo), talvez porque sempre nos intrigou como uma atividade essencialmente prática se traduz em teoria, e intriga. Embora seja fascinante como o “campeonato” de tribalismo e discussão de certos desportos acabe por ser uma espécie de liga B das disputas partidárias, acabando por, objetivamente, constituir um escape e uma alternativa para o que poderia ter consequências sociais mais determinantes. Os clubes

⁸ CARDOSO, Miguel Esteves — *Mudar de casa pela manhã*, “Público”, 19 de junho de 2022, p. 7.

são encarados como uma espécie de partidos, e os jogos eleições, discutidas com paixão.

Nem, *a fortiori*, me atraem os cantinhos das maledicências e promoções sociais, nem das modas, sempre fugazes, nem dos escritos que ecoam vários programas televisivos, nem muitas outras coisas. Fiquei espantado quando, uma vez, num quiosque de café bastante bem servido de revistas, topei com uma publicação italiana de palavras cruzadas. Há gostos para tudo, mas pessoalmente não gosto de tudo. Confesso a minha limitação, ou programação (ou auto programação) em certo sentido. Em contrapartida, a minha vontade seria de ler quase todas as revistas de Humanidades e Artes, e algumas de Ciências. Muitas de Banda desenhada, também. Tirando, desde logo, as sensacionalistas, o que felizmente se deteta logo pelas capas.

Esta amostragem do mundo pelas revistas é apenas uma concretização da que se pode (com mais superficialidade, em geral) obter pelos múltiplos canais de televisão, para mais acrescentados pelo cabo, e ainda pelas formas semelhantes de canais próprios da *Internet*. Estes serão os portais mais comuns, embora com muito menos oferta cultural, e em geral com mais “sensacionalismo” (até em programas ditos legitimamente culturais, por vezes – excecionemos grandes canais como, desde logo, as nossas RDP2 e RTP2, respetivamente para a rádio e a televisão, que são de altíssima qualidade, em geral).

Há pessoas que do mundo só conhecem o que as televisões lhes trazem, e é humano procurar o mais fero, o mais excepcional, o mais escandaloso, o mais exótico, o mais imprevisto ou impressionante, etc. O conhecido jornalista e académico Bernard Pivot sabia bem que se tende sempre a baixar o nível se se buscam audiências. E até os responsáveis pela Informação (que deveria ser um setor não só de grande respeitabilidade como de grande responsabilidade social e política) são por vezes forçados a banalizações e verdadeiro engolir de sapos – pelo menos é o que acaba por se retirar de uma deliciosa série dinamarquesa *Borgen*, que tanto ensina sobre política, comunicação social, e já com temáticas muito atuais, desde logo ambientais.

As audiências tendem a preferir o bombástico, são caprichosas nos seus gostos, pouco exigentes relativamente ao que mais importa. E com as possíveis manipulações das redes sociais, é possível fingir-se, arquitetar-se, que esta ou aquela política, este ou aquele indivíduo, estão no auge ou na lama. Por isso é que é essencial para a política atual (e os políticos atuais) ter “boa televisão” e “boas redes sociais”, mais do que ter, “boa imprensa”, a menos que se compreenda esta *lato sensu*.

É preocupante como é pela bitola da televisão (e afins) que tudo se joga e afere. Tudo e todos perderão a guerra contra ela (cremos que o terá dito, de algum modo, Eduardo Prado Coelho, que estava longe de ser uma pessoa antiquada e fora do seu / nosso tempo). Ela não apenas formata o mundo de cada um, mostrando o que deseja que se pense ser o mundo geral. Mais ainda: em certos casos, como decerto em alguns teatros de vanguarda, ou, mais prosaicamente, em telenovelas, parece que procura forçar a realidade, apresentando como sendo normalidade posições, ideias, comportamentos “ainda” socialmente polémicos, no fundo, em alguns casos, posicionando-se ideologicamente como em certas formas de *legal storytelling*⁹. Habitadas a ver certas coisas na televisão, as pessoas comuns acabariam (acabarão?) por se alinhar por esses posicionamentos. Portanto, estamos muito longe de um retrato puro e simples do real: trata-se de engenharia social. O que, aliás, não é de estranhar nada, porque também sempre foi a forma de atuar da literatura em geral. Não é o *De Bello Gallico* um panfleto de autopropaganda de Júlio César?

⁹ SALMON, Christian — *Storytelling, la machine à fabriquer des histoires et à formater les esprits*, Paris, La Découverte, 2007.

No contexto de uma formatação geral (e vê-se como é feito o tratamento de notícias em situações extremas, por exemplo de guerra), mesmo as exceções que a comunicação televisiva e afim concede (tudo isto é, obviamente, ou deverá ser, inocente em democracia, e nada será impensado e deixado à sorte em ditadura), são as que se acha que os telespetadores conseguirão “digerir”, no contexto da sua cosmovisão.

Dir-se-á que o mundo editorial não é diferente. Cremos que há algumas distinções, porém. Apesar de tudo, a inteireza de uma revista ou de um livro, e a pluralidade deles poderia ser mais um reduto de resistência e manifestação de verdadeiro pluralismo. Mas, para isso, seria também necessário que editoras independentes e não oligopolistas conseguissem verdadeira distribuição nacional das suas publicações, distribuição visível, que alcançasse o público, que criasse público. Na situação presente, a autoedição está a revelar-se, para muitos, como a única saída. Mas quando será (se vier a ocorrer mesmo) que as livrarias conseguirão cooperar com a auto edição (a qual também, como é inevitável, dispara sem critérios de filtro editorial, e misturando-se o trigo com o joio)?

III. Gregos e Troianos. Síndromes da Incoerência e da Hibridação

Quem vem à vida intelectual hoje defronta-se com muito mais problemas que os que tínhamos nas nossas adolescência e juventude. Sobretudo parece ser muito difícil, sem guia seguro, distinguir à partida o que vale e o que não vale, o que deve e o que não deve ler-se (não por critérios convencionais, moralistas ou ideológicos, mas apenas por padrões de qualidade – que não é, se vista em si mesma, uma categoria burguesa ou carregada de preconceitos identitários...).

Daí ocorrer um fenómeno muito curioso: *a síndrome da hibridação*.

Antes, tudo mais ou menos batia certo em ambiente cultural, mediático, etc. Gostos, leituras, filmes, programas de televisão, formas de vestir, lugares frequentados, modo de estar, etiqueta social, linguagem (mesmo coloquial), estudos empreendidos, profissão escolhida e exercida (como hoje isso anda em enorme desacordo), opiniões morais, religiosas, políticas, filosóficas... – tudo parecia ser, numa pessoa, mais ou menos consonante. Sem qualquer risco de formatação ou robotização. As pessoas pareciam ser naturalmente coerentes. Obviamente que havia desinências, havia exceções, havia predileções, havia gostos. E *de gustibus et coloribus non disputandum*.

Hoje, porém, a mescla de opções (ou nem isso) é surpreendente. E não é coerente, não sem riscos e consequências graves. Sobretudo nas opções mais axiológicas, não bate certo. Não se pode, na verdade, cultuar Deus e o diabo, agradar a Gregos e a Troianos. Não se compreende como pode estar uma pessoa (tantas pessoas) tão contraditoriamente “de bem consigo”, para retomar uma canção do genial Sérgio Godinho.

Há profundas incoerências. As hibridações são formas de como que camuflá-las, tranquilizando-se os incoerentes, que a maior parte das vezes nem delas se dão conta. Podem resultar, pessoalmente, da convivência, na mesma pessoa, de várias fontes de gostos e atitudes, umas vindas de uma base social de origem, outras adquiridas, v.g., durante uma subida na escala social. Os novos-ricos, por exemplo, denunciam-se por não terem conseguido camuflar suficientemente tiques de origem... É sempre muito complexo e até doloroso o processo de ascensão social. Um dos elementos mais correntes é essas pessoas desfazerem-se do lastro comprometedor da frequência da família e dos amigos de infância. Querem ser pessoas novas, e têm vergonha, em muitos casos, dessas raízes. Existem mesmo aconselhamentos (*coaching*...) para que atitudes ter e não ter para não parecer pobre, para subir na vida, etc.. Não é edificante... Será eficaz?

Mas há casos e casos. O politólogo José Adelino Maltez chamou em tempo a atenção para algumas compatibilizações políticas e religiosas que podem não ser ortodoxas, porque estão para além de uma estrita visão dogmática das correspondências, solidariedades, diálogos, etc. Tinha razão. Embora, no limite, seja por vezes necessário compreender mais profundamente as razões de certos pares (ou tríades, etc.) de opções. Em Direito, perante dois juízos de valor inconciliáveis (que venham à tona do manifestado, não, como é normal nas atitudes sociais, apenas indiretamente ou subentendidamente apercebidos), há quem defenda formas de concordância prática constitucional ou, mais generalizadamente, soluções de decisão democrática¹⁰. Mas há, em todos os domínios, caminhos que se excluem mutuamente. Há decisões, pertenças, atitudes, que parecem relevar sobretudo do oportunismo ou então de uma ingenuidade pouco formada e perigosa, ou de uma pura confusão mental, sentimental e de vida.

Não podemos fazer da existência um *pot pourri*. Sertillanges, no seu clássico e ainda tão atual em tantas coisas (na maior parte delas) *La Vie Intellectuelle*¹¹, citava alguém dizendo que não pensamos num sábio imaginando-o num jantar. Não é que os sábios não jantem, como é óbvio, mas o que ele queria obviamente dizer é que ele não posa para a posteridade num jantar como sinónimo de convivialidade mais ou menos fútil. Porém, sempre é preciso matizar este tipo de frases cortantes. Parece que Tomás de Aquino jantava (e não jantaria decerto mal), e até um dia terá descoberto à mesa do rei São Luís de França um decisivo argumento teológico. O qual, solícito, mandou que lhe fornecessem papel e pena para que se não olvidasse do achado. À mesa, Lutero (mas também Hitler) cuidava dizer coisas tão preciosas, que tinham secretário para delas tomar nota. Não sabemos pessoalmente se algumas das conversas de Goethe com Eckermann foram à mesa¹²...

É, pois, preciso o maior cuidado com exageros, unilateralismos, extrapolações. Contudo, é evidente que a vida intelectual e a vida mundana, por exemplo, têm grandes incompatibilidades. No mesmo livro de Sertillanges se pode ler que os grandes homens não têm normalmente grandes camas. A lição seria mais geral: importar-se com a comodidade ou o prazer material, ou com os bens mundanos, ou com a aparência, a fama, etc., é, em geral, normalmente, incompatível com uma vida de dedicação, não apenas espiritual, mas mesmo até simplesmente intelectual, ou até uma profissão prática (pensamos num médico, num engenheiro, num informático, num jurista...) que exige estudo, reflexão, algum recolhimento de tempos a tempos, pelo menos.

Ao acaso, saltou-nos de um livro uma passagem de Kierkegaard que sintetiza a necessidade de uma vida séria e não fútil. Traduzindo a citação em francês (que, por seu turno traduz do dinamarquês), dir-se-ia então:

“Para a maior parte das pessoas, há algo de sério em obter um cargo, em vigiar a vacatura de um cargo mais elevado que possam ambicionar, em refletir sobre essa mudança eventual e a organização, então, do seu novo estatuto. Creem que há seriedade em ir na alta sociedade; preparam-se para um jantar em casa de uma Excelência, mais que para

¹⁰ Cf., v.g., ATIENZA, Manuel — “Sobre la única respuesta correcta”, in *Bases Teóricas de la Interpretación Jurídica*, de Aulis Aarnio *et al.*, Madrid, Fundación Coloquio Jurídico Europeo, 2010, p. 50: “Nessa situação, para evitar o caos ou a ditadura de certas opiniões, o razoável é estabelecer um procedimento de tomada de decisões de tipo democrático, baseado nos princípios de participação e abertura” (trad. nossa).

¹¹ SERTILLANGES, A. G. (Antonin Gilbert) — *La Vie Intellectuelle: Son Esprit, Ses Conditions, Ses Méthodes*, Paris, La Revue des Jeunes, 1921, nova ed. Scholar Select, UK, s.d..

¹² GOETHE, *Conversations avec Eckermann (1836-1848)*, trad. fr. de J. Chuzeville, nova ed. revista e apresentada por Cl. Roels, Paris, Gallimard, 1988.

uma comunhão; e quando se vê chegarem, são sérios de fazer medo. E pois! Tudo isso está longe de para mim ser ininteligível, a única coisa que não alcanço compreender é que, se isso é verdadeiramente sério, então a eternidade não passa de uma brincadeira. Porque na eternidade, não há avanços em promoções, nem mudanças, nem grandes jantares em casa das Excelências”¹³.

A cosmovisão dominante, e banalizadora, alheia a tudo o que não seja ludismo, facilidade, poderá muito irritadamente ripostar, baralhando os termos do problema. Por isso, é necessário deixar tudo repisadamente bem claro. É mais que evidente, a nosso ver, que nem todos podem ser (nem todos devem ser) santos, sábios, heróis, mártires, cientistas, ou sequer profissionais altamente qualificados em profissões que impliquem algo de intelectualmente mais exigente. Precisamos de toda uma panóplia de tipos humanos. Sempre divisível nas três clássicas categorias *physikoi*, *psykikoi* e *hylikoi* / *pneumatikoi*¹⁴. Mas não temos a menor dúvida de que precisamos de sociedades sem crime e ociosidade (ou com ambos limitados ao mínimo possível, porque certamente não será realizável uma erradicação total). Talvez se possa tolerar, numa sociedade ideal, alguma ostentação vaidosa, como quem guarda pavões nos zoológicos. Tomás Morus, na sua *Utopia*, encontrou uma forma brilhante de preservar certas galas de joias: nomeadamente, enfeitando com elas os condenados. Assim coloca o problema, saborosamente:

“(...) o ouro e a prata destinam-nos aos usos mais comezinhos quer nas hospedarias, quer nas casas particulares; chegam até a fazer deles bacias de cama. Com ele forjam também cadeias para os escravos e insígnias para os condenados que cometeram crimes infames, trazendo estes últimos anéis de ouro nas orelhas e nos dedos, um colar de ouro ao pescoço ou uma espécie de freio de ouro na boca.”¹⁵.

E pérolas, diamantes e pedras preciosas são usados como adornos infantis, que depois são postos de lado, como de lado, em tempo certo de maturidade, são postas as bonecas.

Crime e pura preguiça (não confundir com o direito à preguiça, com honras desde Paul Lafarge, genro de Karl Marx) é que não parece poderem ser permitidas nessa eutopia. São demasiado nocivos à sociedade. Evidentemente, é necessário conhecer muito bem essas realidades e encontrar as melhores formas (necessariamente sempre em aperfeiçoamento) de as evitar, antes mesmo de as combater.

IV. Síndrome da Diferenciação

Tudo o que dissemos na divisão anterior parte de uma perspetiva simplificada e planificada da sociedade, embora aqui e ali se aluda ou pressuponha que ela é sócio culturalmente plural e agónica. Importa, depois de ter falado sobretudo no plano ético, que em princípio deve ser mais universalista (ou ficcionar esse universalismo, desde

¹³ KIERKEGAARD, Søren — *Diário*, 1846, VII A 178, *apud Petit éloge du catholicisme*, de Patrick Kechichian, Paris, Gallimard, 2009, pp. 80-81.

¹⁴ JUNG, Gustav — *Psychological Typology*, CW6, pars 960-87, *apud The Essential Jung. Selected Writings*, introdução de Anthony Storr, 2.ª ed., 7.ª reimp., Londres, Fontana Press, 1986, p. 136; Idem — *Essais sur la symbolique de l'esprit*, trad. fr. de Alix e Christian Gaillard e Gisèle Marie, Paris, Albin Michel, 1991, pp. 53-54. Alguns autores assinalam uma equivalência entre *hylikoi* e *physikoi*.

¹⁵ MORUS, Tomás — *A Utopia*, tradução de Dr. José Marinho, Lisboa, Guimarães editores, 1972, pp. 97-98.

logo para não haver morais duplas e múltiplas), fazer uma breve abordagem de sociologia cultural, ou sócio cultural, simplesmente.

Uma simples abordagem social de classe ou hierarquia leva a verificar que não há, nunca houve, uma homogeneidade de práticas sociais entre as várias classes, estratos, grupos sociais. Atendendo aos aspetos culturais (frequência de espetáculos, consumo de produtos culturais, opções ou gostos estéticos, gastronómicos, tipos de arte ou desportos preferidos e efetivamente praticados, etc.), há um abismo entre as ditas classes populares e as ditas classes superiores. Não se trata, obviamente, de um ADN de pobres e de um ADN de ricos. Uns e outros sofrem aculturação. São, afinal, “vítimas” do seu meio social. Pelo menos na contextualização, de que o seu espírito crítico e livre arbítrio os poderá livrar, se conseguirem portas sócio culturais que lhes permitam fugir ou distanciar-se da sua circunstância.

Um dos aspetos eticamente mais deploráveis desta situação de facto é que muitos atores sociais usam o seu comportamento, desde o que vestem ao que comem ao que ouvem ou leem, ao que frequentam, etc., como formas de afirmação pessoal num estrato social, que é sempre sociocultural. As meninas burguesas que eram pelos pais postas a falar francês e a tocar piano consolidavam assim o seu dote. Quando se pensou em colocar uma estação de metro perto de uma dada universidade central em São Paulo houve quem se opusesse, porque isso iria chamar para uma zona relativamente elegante um público dito então, com divino eufemismo, “diferenciado”. Faxineiras a estudar à noite em Universidades, gente “diferenciada” que viaja de avião irritam muito alguns, que parece não terem nada mais para defender o seu *status* senão um conjunto de mordomias exteriores. E se creem melhores, porque os outros não têm acesso àquilo de que eles dispõem.

Por seu turno, imitar os que estão acima é uma regra muito seguida, mas sempre é preciso cuidado com as imitações, para não haver os efeitos do *Bourgeois gentilhomme*.

Poucos são os que se conseguem independentizar dos preconceitos e pressões de classe. Que optam por automóveis utilitários ou até por bicicletas quando todos no seu meio ostentam bólides caríssimos, hotéis baratos quando poderiam hospedar-se em luxosos, ou vestem discretamente quando teria até compleição para exibicionismos, que recusam ribaltas para não virem a cair no ridículo de falar demais do que não interessa, etc. Mas, em geral, as pessoas dividem-se entre fascinados com coisas populares e fascinados com coisas de pretensa elite. Pensamos que o bom gosto é uma coisa diferente, mas não podemos esquecer que há opções de classe, ou, pelo menos, de “espaço social”.

Os exemplos destas opções de classe são variados. As telenovelas que são para consumo popular têm personagens determinadas pelo maniqueísmo, bons ou maus, enquanto as obras cinematográficas mais elaboradas, e sobretudo a literatura escrita, podem dar-se ao luxo de apresentar personagens com muito mais matizes. Nas obras mais elaboradas, predominam as ditas personagens redondas, que podem evoluir, e nas votadas ao gosto generalizado, as personagens planas, que não trazem surpresas. Além disso, o público mais popular prefere a leitura mais imediata, a identificação com as “suas” personagens, e obviamente reclama o final feliz (*happy end*). Já as obras mais exigentes, para um público que, desde logo, sabe que ficção é ficção, e privilegia uma leitura de segundo grau, podem dar-se ao luxo de rasgos de maior dramatismo no enredo, momentos mais perigosos, conflitos mais dilacerantes, e mesmo finais abertos (são obras abertas até¹⁶), ou claramente sombrios.

¹⁶ ECO, Umberto — *L'Oeuvre Ouverte*, trad. fr., Paris, Seuil, 1965, trad. port., *Obra Aberta*, 2.ª ed., São Paulo, Perspectiva, 1971.

Philippe Cabin dá-nos recentemente uma síntese muito ilustrativa dos diferentes níveis da “distinção”, que fora admiravelmente tratada, já em 1979, em *La distinction. Critique sociale du jugement*, por Pierre Bourdieu¹⁷. Vale a pena com ele dialogar, tomando como base alguns dos seus exemplos (mas não só), sem, todavia, como é evidente, o comprometer com os nossos desenvolvimentos e comentários¹⁸.

Os mais diplomados não aderem às fotos de primeira comunhão (acrescentaríamos: muito menos às de ventres desnudos de grávidas, que recentemente invadiram a oferta fotográfica *para mais tarde recordar*) mas as classes populares não vão à missa das fotografias estetizantes (talvez por as acharem obscuras umas ou eróticas outras? Há imensas contradições das representações e práticas sociais nestes domínios de claro/escuro, luz/sombra, fanerizado/ocultado). Mesmo no terreno da música clássica (que em princípio é mais própria das classes superiores ou mais letradas) assinala o autor que se podem encontrar três níveis já: O *Danúbio azul* é uma valsa já popular, a *Rapsódia em Blue* está no gosto médio, e o *Cravo bem temperado* no nível superior. Havendo descidas de *ranking*, pela vulgarização, cremos: como no caso do *Adagio* de Albinoni, hoje popularizado. Vale a pena ver alguns vídeos de “Lorde Vinheteiro”, nome de guerra de um artista “clássico” brasileiro iconoclasta, que coloca alguns problemas de catalogação, desde logo (mas não apenas) pelo seu trabalho de popularização de músicas consideradas “clássicas” ou “eruditas”.

Em poesia há um abismo entre as quadrinhas populares, muito claras ou explícitas, oscilando entre o lamechas e o humorístico rimado, por um lado, e, por outra banda, os poemas por vezes obtusos e até crípticos de gosto elitista, mera “prosa às tiras”, como diria Cruz Malpique¹⁹. Os exageros encontram-se muitas vezes nos extremos. E aqui se vê uma outra dimensão do problema: o snobismo. Sem inspiração e coragem, sem inteligência e subtileza, não há poesia. Pode haver produtos de consumo popular, ou de consumo elitista. Mas a “poesia não há de ter a transparência de um silogismo, mas não será também a própria obscuridade”²⁰.

Houve um tempo de gosto muito obscuro na literatura mais erudita²¹. Foi felizmente mais uma moda, que deu lugar a gosto mais de historietas... Mas esta questão põe em evidência que além da questão social há a questão estética, e que nem sempre a opção dos letrados é a mais excelente no domínio da qualidade ou do valor do produto cultural. Uma quadrinha popular simples e bem apanhada (por exemplo, uma quadra de São João) pode ser mais interessante e obviamente com muito mais frescura que um pesadão poema tenebroso (e tenebrista) de complexíssima interpretação, em geral mero *pastiche* medíocre de coisas tidas por cultas. O primeiro, veio de um rasgo da alma de alguém solar, o segundo, do martírio intelectualista de um espectro...

Ao nível gastronómico, iríamos um pouco mais longe que o referido autor, que se fica pela distinção entre comida abundante e sobriedade, e também preferência pela carne ou pelo peixe. Hoje, parece haver um nível suplementar, sempre na clave da sobriedade: os populares (quando podem) comem muito e preferem a carne, os mais distintos, peixe e sobriamente, e os distintíssimos são uma qualquer forma de vegetarianos, *vegan*, etc.

¹⁷ BOURDIEU, Pierre — *La Distinction. Critique sociale du jugement*, Paris, Minuit, 1979.

¹⁸ Cf. o original: CABIN, Philippe — *La Distinction, aux origines du ‘bom goût’*, “Sciences Humaines”, hors série, maio-junho, 2022, p. 22-24.

¹⁹ MALPIQUE, Cruz — *O Homem de Letras*, Porto, ed. autor, 1956, p. 62.

²⁰ *Idem, ibidem*, p. 64.

²¹ Cf. GONÇALVES, Fernão de Magalhães — *Manifesto por uma Literatura Legível*, Separata de “Cadernos de Literatura”, Coimbra, 1979 e o nosso artigo *Da Actual Questão Literária*, in “Cadernos de Literatura”, Coimbra, 1979.

No desporto, os apreciados popularmente premeiam a força e o espírito de sacrifício (futebol, *rugby*, *boxe*), e os mais elitistas têm algum sentido da amplidão, da distância (e mais calma ou mais destreza, no caso, por exemplo, da esgrima). Veja-se como chegar à boa vida é, para alguns, tendo jogado na juventude ténis e praticado automobilismo e *surf*, se passa na maturidade ao golfe. Acrescentem-se ainda os desportos náuticos e a equitação, que privilegiam o movimento, mas por via de um animal (o cavalo) ou de um veículo (um barco), havendo aí uma espécie de atividade desportiva já de fruição também e não apenas de pura dependência da força e destreza pessoais. Por outro lado, o seu exercício é solitário ou com companhia escolhida. O futebol é, em contrapartida, um trabalho de equipa de uma quase multidão contra outra quase multidão. Evidentemente, há sempre exceções, como a pelota basca, popular no país, e, contudo, jogada contra a parede e não contra um adversário. Dir-se-ia que, em rigor, seria a *crème de la crème* da “espiritualização” do jogo.

Note-se que nas preferências desportivas parece refletir-se também uma alternativa de opções gerais, que tem a ver com a força e determinação, o grau de convicção das ideias e das atitudes, quando se não esteja afundado num torpor generalizado (o que também ocorre muito, como vimos). Os desportos afirmativos, agressivos, altamente competitivos contra adversários visíveis face a face, próximos, e com possibilidade frequente de agressão ainda que “colateral” seriam sinal de mentalidades com certezas, ideias feitas, muitas vezes fruto apenas de preconceitos enraizados, reflexos condicionados mentais. Pouca educação e pouca cultura levam a acreditar-se em preconceitos, que se defendem com unhas e dentes, mas não com argumentos plausíveis, e muito menos científicos. Já a preferência pelos ditos desportos de dimensão, de espaço, de solidão ou de escolha de selecionados parceiros poderá simbolizar mais educação, mais cultura, e a matização das escolhas de das certezas. A dúvida é um requinte do espírito. É verdade que é necessário alguma convicção para a ação, mas antes dela é necessário ter alguma perspetiva, certo distanciamento. E não apostar totalmente na força, no músculo, mas também na inteligência, na tática e na estratégia.

Acresce que mesmo quando decidem estudar, de forma autodidática, precisamente os tipos que não beberam de criança o chá cultural do distanciamento, da dúvida, do espírito crítico, fascinados com o mundo maravilhoso do conhecimento, tendem a acantonar-se em perspetivas de tipo ideológico (ainda que possam não ser propriamente ideologias), e a encarar o que são problemas e hipóteses como dogmas. Seguem cegamente alguns autores, e fazem guerra a outros. Quando virmos um (pseudo)intelectual não formatado por uma paixão política muito evidente, vir a terreiro com paixão e muito dogmatismo, é quase certo que não passou pelo esmeril modulador de uma educação escolar formal. Há muito mérito no estudar sozinho, mas há também estes perigos. O autodidata poderá ter, relativamente ao mundo do saber, ao conhecimento e suas práticas, eventualmente, ao mesmo tempo uma fascinação e algum ressentimento. Suspeitamos que alguns nunca se sentem à vontade, e tudo fazem para ostentar o que, a pulso, conseguiram saber. Falta ao autodidata naturalidade e frequentemente humildade. Tem em muitos casos soberba de ter vindo das trevas para uma luz que parece julgar poder acender-se por um interruptor. Há, obviamente, honrosíssimas exceções.

Este tipo de análises, de dissecações mesmo, que acabamos de fazer, tem o condão de não raro irritar os que se têm por “visados”, que se sentem, por vezes, pessoalmente importunados, mal retratados, e sobretudo coisificados por abstrações sociologistas. Claro que cada um acha que é assim porque o decidiu ser, e frequentemente presta pouca atenção e dá escassa importância à sua determinação social. Mas não é com subjetivismos que se faz ciência, nem cedendo aos ressentimentos de prima-donna dos que se sentem visados. Não há insulto nenhum,

não há preconceito nenhum... Evidentemente que se admite que haja pobres intelectualíssimos e *vegan*, e ricos e pouco cultos e “carnívoros” (não omnívoros, carnívoros mesmo). Além de que aqui podem influir e influem perspectivas ideológicas (até eventualmente religiosas) e políticas que podem modelar as opções fortemente.

A malha explicativa de Pierre Bourdieu permite, como sintetiza aliás Cabin, uma subtilização da simples determinação vertical e essencialmente dicotômica. Porque uma dimensão *simbólica* influi, metamorfoseando, modelando, a simples radicalidade da escala social. Com a categoria do “espaço social”, Bourdieu considera três dimensões a considerar: primeiro, e como base, temos o capital detido por um indivíduo, é certo. Mas há a considerar que há um capital económico e um capital cultural. Uma pessoa com escasso capital *tout court* pode investir fortemente em capital cultural (recordamos sempre uma funcionária mal paga que todos os meses consagrava uma parte significativa do seu orçamento a comprar um livro e um CD), e pode mesmo ter, de base, alguns elementos sociais favoráveis (domínio da língua, boas maneiras). Finalmente, há uma dinâmica ao longo da vida. As pessoas progredem ou regridem na aquisição de interesses e bens culturais. Estamos em crer que a obtenção de diplomas (e sobretudo de competências e conhecimentos) se integra nessa dinâmica, em geral de tentativa de mobilidade cultural ascendente.

Evidentemente, há aqui também, a nosso ver, uma dimensão ética *lato sensu*, uma vontade de saber, ou não... O *habitus*, conjunto articulado de representações e atitudes de cada um, depende, em última análise, da opção de vida que se tome. E essas opções de vida traduzem-se em “estilos de vida”. Os quais são muito diferentes conforme a importância que a dimensão cultural tenha na vida de cada um. Um pobre professor pode optar por gastar em coisas fúteis o seu magro salário, ou passar a vida a acumular livros, discos, vídeos, ir a concertos e filmes com peso cultural. Dirá o imediatista voluntarista que “está no seu direito”. Sim, evidentemente, não é esse o problema. O problema é saber quem esse professor quer ser. Obviamente, que não basta o entusiasmo dos Bouvard e Pécuchet. É preciso algo mais... A mera “boa vontade cultural” inclina-se para objetos menores. Há, contudo, casos excecionais de pessoas que conseguem superar muito a sua circunstância. Mas socialmente é a normalidade que está em causa.

V. Síndromes do Desinteresse e da Alienação

Paralelamente, as nossas sociedades sofrem de uma outra síndrome: como designá-la, pois engloba vários fatores? É o desalento, o desinteresse, a incompetência, a falta de brio profissional, a falta de gosto, de empenhamento no que se faz, a falta de cumprimento de horários, de prazos, a forma “a despachar” com que tudo é feito por muitos.

Ainda há alguns, mais velhos, que compreendem que em muito grande medida o sentido para a vida de muita gente é a sua profissão, a sua arte, que é afirmação de capacidade, competência, individualidade, estilo, etc. Esses, ainda continuam, apesar de nem sempre com muitas forças, e por vezes com várias capacidades a diminuir, a honrar a palavra dada, a cuidar dos pormenores, a procurar fazer de forma atempada, completa, bem-feita.

Com os mais jovens, infelizmente, se há alguns cheios de entusiasmo e com uma “garra” enorme, e muito talento, há também uma grande mole que nem sequer procura emprego, ou então procura empregos indiferenciados em que apenas vai levando as obrigações mínimas. A ideia de que a felicidade está fora do emprego e este é apenas provedor de sustento material, é interessante. Não é que seja completamente errada, na medida em que previne contra o vício do exagero

laboralista. Mas também não está certa porque o trabalho é uma dimensão essencial da afirmação, da realização da Pessoa humana. Não pode ser uma maçada utilitária.

Chamemos a essa doença síndrome do desinteresse. É com base afinal nele que tudo o mais não funciona, ou funciona mal. Talvez pudéssemos dizer que é uma forma de acídia²², ou sua consequência.

Não se pode esquecer, também, que o desinteresse, de que o abandono escolar (com saída da escola, ou permanência sonâmbula nela) é também um resultado de uma avaliação precoce do estar fadado ao insucesso por parte de alguns (é, em certo sentido, uma *self-fulfilling prophecy*). É evidente que o discurso dominante diz, como os dísticos de Salazar nas escolas a partir dos anos 30 do séc. XX, “estuda e serás alguém”. O que ocorre é que há muitos que não acreditam nisso, e nem sequer estudam para o testar. E depois, pela vida fora, não se empenham e conseqüentemente não conseguem uma boa vida (a menos que ganhem a lotaria; mas até para isso é preciso o voluntarismo de apostar). Talvez se pudesse fazer uma reformulação do ditado e do ditame: “se não estudares, se não trabalhares, acabarás mal, ou, no mínimo, mediocrementemente”.

O desinteresse e a crença de que se não conseguirá (boas classificações escolares, empregos razoáveis, estáveis e gratificantes relações afetivas, amizades sinceras e duradouras, comunicação efetiva na família, etc.) redundam num estado de *alienação*. Deixa de se ter posse de si mesmo. A alienação é evidente ao nível das atitudes políticas, que oscilam entre o abstencionismo puro e simples (a política é para os outros, porque se pensa que a própria participação não conta) e o enfileirar (embora em princípio não conseqüente e militante) pelas vagas extremistas, que funcionam como revanche dos excluídos, uma espécie de vingança social contra os integrados, os do sistema: representados pelos políticos e mesmo pelas instituições em geral.

A alienação é o desapossar-se (ou estar privado) de si mesmo, é o viver abdicando, em boa medida, da sua dignidade na prática, em sintonia com ilusões, paliativos de uma vida adiada *ad aeternum*. Por isso as drogas são tão sedutoras para os que não conseguem dar um sentido à sua vida. Mas, para além das drogas *proprio sensu*, há um conjunto de drogas, essas sim “leves”, que são veiculadas pelas diversas formas de comunicação social formatadora dos gostos e das opções. Escravos do viver a vida dos outros pelos *reality shows* e pelas colunas sociais, de vestir, frequentar, consumir o que querem que consumam, desde muito cedo as pessoas que não se fizeram um modelo de vida para si, vagueiam ao sabor de modas e temem imensamente que os outros pensem mal de si, porque (neste ou naquele pormenor) não seguiram o rebanho.

Admite-se que para alguns políticos controladores seja prático e útil que boa parte dos governados alinhem por padrões não apenas muito semelhantes como ainda facilmente mutáveis sob a batuta dos *opinion makers* e ditadores de modas. Mas não se pode dizer que sejam lá muito democratas e pluralistas. E é óbvio que quando tocam sinos a rebate para defender a Pólis, não serão certamente os escravos das modas, das exhibições, dos pequeninos e ridículos escândalos, que terão compleição moral para atitudes nobres e abnegações que importam. Uma sociedade de espetáculo, de aparências, de ganância, de permanente flunar, em que o promovido é o fútil, cairá ao primeiro sopro.

Valem a essas sociedades, às nossas sociedades, retaguardas que, na sombra, no silêncio, na modéstia, vão cultivando os valores profundos? Seria excelente que assim fosse. Mas é sempre necessário um certo reconhecimento social. A queda vertiginosa do prestígio de certos cargos, profissões, instituições etc., que eram esteio intelectual e moral, em grande medida demolidas pela insistência mediática em tudo desacre-

²² Cf., por todos, LAUAND, Jean — *O Pecado Capital da Acídia na Análise de Tomás de Aquino*, in “Videtur”, CEMOROC, USP, Porto, n. 28, 2004, pp. 35-62.

ditar (embora possam alguns nem sempre ter atitudes exemplares, e não se deva nunca calar a verdade) não contribui para solidificar o cimento social. De um lado, parece que haveria instituições com pés de barro, de outro, uma mole de gente a que se não pode chamar povo (*populus*), mas massa, como grandes elementos de *ventosa plebis*, alienada, portanto. Pronta a seguir a voz de chefes demagógicos. Um conjunto de fatores de grande perigo, agravados com as crises internacionais da pandemia da COVID19 e agora os imponderáveis das ondas de choque da guerra na Ucrânia.

Em tempos destes, não pode um jovem acreditar que o melhor é viver bem a vida, fruir aos limites, porque a guerra tudo pode terminar em breve. E, na verdade, *mutatis mutandis*, não é apenas o jovem estouvado, alienado, que assim pensa.

V. Jogo de Espelhos

É natural que exista a maior incompreensão entre as pessoas nas nossas sociedades. Incompreensão que se traduz, em muitos casos, em profunda agressividade, simbólica e mesmo efetiva. Em épocas anteriores, havia narrativas míticas ou jurídico-políticas impositivas que normativizavam crenças e padronizavam comportamentos.

A partir do momento em que as sociedades se foram tornando mais pluralistas, e que o Direito, nestas sociedades ocidentais secularizadas, acaba por ser (apesar da híper legiferação) um mínimo denominador comum, não se pretendendo, em si mesmo, nem até no domínio penal, como instrumento de moral (e muito menos de moralismo ou de religião), a avaliação que uns grupos fazem dos outros é, normalmente, de distanciamento, indiferença, ou, pior ainda, animosidade, desprezo ou mesmo condenação e até ódio. Fernando Pessoa, incidentalmente e sob forma quase aforística, catalogou algumas atitudes de índole moral de uns relativamente aos outros e nelas se vê muito pouca tolerância, e menos ainda capacidade ou vocação para a convivência²³.

E contudo não é fácil prescindir da presunção de que quem estudou, quem trabalha, quem se sente herdeiro de uma tradição milenar, quem pensa estar a passar o testemunho dos grandes, dos clássicos, não é fácil achar que se está errado e certas estariam as pseudo ideias de pessoas que mal as articulam, ou não as articulam de todo, e que contra os Evangelhos, Shakespeare, ou Einstein, depõe a sabedoria do viciado em droga (que assegura ter comunicado com dimensões fenomenais – ou “soluções fenomenais” como diria Vinícius de Moraes, numa conhecida canção), a prática do criminoso inveterado, a moral do intriguista de café...

É verdade, decerto, que alguns dos seus disparos em todas as direções atingirão, aqui e ali, alvos certos. Quando, por exemplo, se vocifera que todos os políticos, altos e baixos funcionários públicos, e não sei quem mais são rematados corruptos, em algum caso se acertará, porque é possível, é natural, que alguns o possam ser. Mas isso apenas cria um clima de desconfiança geral, de degradado ambiente cívico, tanto mais que não se veem, pelo mundo fora, assim tantas acusações, e menos ainda condenações. Aí logo alguns acusarão o poder judicial, e a culpabilização não terá fim. Seja como for, é preciso cortar o nó górdio da permanente suspeita, acusação vaga e sem provas...

Já é um lugar comum, mas sabe-se bem que o cidadão que aponta a corrupção dos políticos, muitas vezes porque os inveja nas suas mordomias, é o primeiro a dar um péssimo exemplo: passa à frente dos outros nas filas, não declara os rendimentos

²³ PESSOA, Fernando — *Moral, Regras de Vida, Condições de Iniciação*, textos estabelecidos e comentados por Pedro Teixeira da Mota, Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1988.

corretamente, multiplica-se em empenhos para colocar os familiares, suborna os funcionários sempre que pretende um “jeitinho”, etc. E, como dizia Agostinho de Hipona, parece que não pode haver cidades justas sem cidadãos justos.

Em contrapartida, o cidadão que cumpre estritamente as suas obrigações arrisca-se a ser tido como um marciano, ou até a ser tratado muito mal, porque decerto esconde alguma coisa, tem algum esquema ou plano oculto. É, afinal, um perigo.

Creemos, porém, que a sociedade só se poderá ir regenerando se aumentar significativamente o número dos que não embarcam nas facilidades tradicionais da pequena corrupção (nem da grande), se imbuída de ética republicana, a classe política deixar de ser vista (em função dos seus atos) como uma oligarquia, mas como um escol demofílico.

E o cidadão justo poderá, finalmente, ver-se ao espelho numa sociedade de cidadãos justos.

Essa sociedade exige que os poderes instituídos levem a sério a educação. Sem um investimento antes de mais anímico (é preciso financiamento, mais o que mais importa é a vontade, é a direção política) na formação de cidadãos responsáveis e úteis, sem que finalmente haja uma educação para a democracia (e não para a demagogia ou, no máximo, para a tecnocracia), os jovens estarão indefesos, entregues a um sistema educativo sem horizonte, e incapazes de defender o modelo de sociedade ocidental ameaçado por vários perigos. Porque desprovidos de instrumentos culturais de defesa, desde logo, e antes de mais, já que desapossados do domínio cabal da Língua, da História, da Geografia, da Filosofia – sem se saberem exprimir, situar no tempo e no espaço e pensar criticamente.

Entretanto, seria socialmente útil e pessoalmente enriquecedor que os jovens procurassem, independentemente da sua determinação social de origem, superar a escassa formação que a escola hoje lhes dá no sentido de ultrapassarem as determinações (na melhor das hipóteses dá instrução, não educação) e saltarem por cima das limitações familiares (porque há limitações quer para ricos quer para pobres) e das seduções mediáticas, e investirem na sua autoformação. De acordo com bons modelos de sempre, sem preconceitos em agradar, parecer, aparecer, e triunfar de forma fútil. Pessoalmente, é um enriquecimento enorme, e um escudo invencível contra depressões e afins. Socialmente, decerto, a única esperança de reconstruir as muralhas da cidade, com cidadãos escorreitos, empenhados, descomplexados, capazes de solidariedade e assim esteios de uma ética republicana.

E quando, com Diderot, *déssemos os espetadores em espetáculo*, não veríamos um teatro deprimente²⁴, mas uma sociedade equilibrada. Talvez com menos história, e muito menos intriga, mas muito mais feliz.

Recebido para publicação em 16-06-22; aceito em 21-06-22

²⁴ Não sabemos se seria bom gosto inato, ou fruto de uma dada envolvência social, o certo é que esta passagem nos parece significativa da dicotomia entre certos espetáculos – até no plano dos efeitos psicológicos. Não é que a arte deva ser moralista, e são profundamente ridículas, além de perigosas, as tentativas, de ontem e de hoje, para cancelar o que não entre em certos padrões de conveniência ou correção política. Mas há um gosto plácido mediano que não quer ser muito incomodado com coisas deprimentes, sejam hiper cultas, sejam vulgares ou banalizadoras. Recordemos assim François FOSCA — *Renoir*, Lisboa, Verbo, 1984, p. 8: “Ao mesmo tempo, o seu bom gosto inato levava-o a preferir o teatro de Alfred Musset às peças de Dumas Filho ou às ditas realistas, nas quais, como ele dizia ‘só apareciam pessoas que deploraríamos ter como parentes e que não preveríamos ver incluídos entre os nossos amigos”.